

Brasil teve a 2ª maior saída de dólares da história no ano passado

Especialista credita movimento a desconfiança sobre condução da política fiscal do governo

Por Martha Imenes

O Brasil registrou em 2025 a segunda maior saída líquida de dólares da série histórica, iniciada em 1982, de acordo com dados preliminares divulgados pelo Banco Central (BC). O fluxo cambial total ficou negativo em US\$ 33,316 bilhões, volume inferior apenas ao registrado em 2019, quando a saída somou US\$ 44,768 bilhões.

Apesar do resultado expressivo, o real se valorizou ao longo do ano, sustentado por juros elevados no país e pela queda do dólar no mercado internacional.

O desempenho negativo foi provocado principalmente pelo canal financeiro, que acumulou saída líquida de US\$ 82,467 bilhões em 2025, a segunda maior da série histórica, atrás apenas de 2024. Esse canal inclui investimentos estrangeiros diretos e em carteira, remessas de lucros, pagamento de juros e outras ope-

rações financeiras.

Já o canal comercial apresentou entrada líquida de US\$ 49,151 bilhões, insuficiente para compensar a forte evasão financeira. O saldo positivo ficou abaixo do pico registrado em 2007 e também menor que o observado em 2024.

De acordo com o economista e professor do Ibmecc, Renan Silva, chama atenção para o aumento significativo das despesas obrigatórias do governo que hoje são indexadas ao dólar, taxa básica de juros alta, ano eleitoral e uma série de fatores influenciaram na saída de dólares.]

“Esse resultado se deu, principalmente, à desconfiança da condução da política fiscal, diante do aumento das despesas do governo mesmo frente a recordes de arrecadação”.

Importações

Segundo o BC, o principal fator para a menor entrada de dóla-

res pela via comercial foi o avanço das importações. O volume de câmbio contratado para compras externas alcançou US\$ 238 bilhões, o segundo maior da série histórica, atrás apenas de 2022.

As exportações somaram US\$ 287,5 bilhões no ano. Diferentemente da balança comercial, que inclui apenas exportações e importações já realizadas, o fluxo cambial inclui operações como pagamentos antecipados e adiantamentos de contrato de câmbio.

Apreciação do real

Mesmo com a saída expressiva de dólares no mercado à vista, o real apreciou-se em 2025. Os juros elevados no Brasil e o enfraquecimento global do dólar estimularam posições favoráveis à moeda brasileira no mercado de derivativos (ativos que derivam de outros ativos), compensando o fluxo cambial negativo.

O Banco Central, por sua vez, teve atuação limitada no merca-

do à vista, realizando apenas duas intervenções de US\$ 1 bilhão cada, por meio do mecanismo conhecido como “casadão”. Nessas operações, o BC vende dólares das reservas internacionais, combinando com swaps cambiais reversos, compra de dólares no mercado futuro, na mesma quantia. O casadão permite que a autoridade monetária alivie a taxa de juros em dólar, sem mexer no câmbio.

Em dezembro, o fluxo cambial ficou negativo em US\$ 13,562 bilhões, valor inferior ao registrado no mesmo mês de 2024, quando a saída chegou a US\$ 27 bilhões. O resultado refletiu uma saída de US\$ 20,982 bilhões pela conta financeira, parcialmente compensada por uma entrada de US\$ 7,421 bilhões pela conta comercial.

Tradicionalmente, dezembro concentra remessas ao exterior para pagamento de dividendos. Em 2025, os envios foram inten-

sificados por empresas e investidores que buscaram se antecipar ao fim da isenção do imposto de renda sobre remessas internacionais, que passou a ser tributada a partir de janeiro de 2026.

Prévia

As relações monetárias e financeiras entre residentes e não residentes são medidas pelo balanço de pagamentos, divulgado no fim de cada mês pelo Banco Central. O fluxo cambial, no entanto, funciona como uma prévia dos números, ao contabilizar adiantamentos de contratos de câmbio e pagamentos antecipados.

O fluxo cambial é composto de duas partes: o fluxo comercial, que mede o fechamento de câmbio para exportações e importações, e o fluxo financeiro, que mede investimentos em empresas, empréstimos e transações no mercado financeiro. Os dados do Banco Central mostram que, no ano passado, a fuga de dólares ocorreu no canal financeiro.



Balança teve entrada líquida de US\$ 49,151 bilhões, insuficiente para compensar evasão

Produção industrial mostra estabilidade em novembro de 2025, informa o IBGE

A produção industrial registrou, em novembro de 2025, variação nula (0%) na comparação com o mês anterior, quando tinha apresentado alta de 0,1%. Com isso, a indústria continua 2,4% acima do patamar pré-pandemia (fevereiro de 2020). No entanto, ainda está 14,8% abaixo do nível recorde verificado em maio de 2011. Se comparado a novembro de 2024, os dados indicam que a indústria voltou a apresentar queda na produção com recuo 1,2%. As informações são da Agência Brasil.

No acumulado do ano, houve crescimento de 0,6%, e, nos últimos 12 meses, de 0,7%. Embora mostre perda de ritmo em relação aos resultados dos meses anteriores, permaneceu no campo positivo. Os números fazem parte da

Pesquisa Industrial Mensal (PIM), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Ramos

De acordo com o IBGE, a produção em novembro de duas das quatro grandes categorias econômicas e 15 dos 25 ramos industriais pesquisados mostraram queda, na comparação com o mês imediatamente anterior.

“A principal influência negativa foi registrada por indústrias extrativas, que recuou 2,6% em novembro”, informou o IBGE, em nota.

Conforme o gerente da pesquisa, André Macedo, a queda notada neste mês sofreu influência da menor produção de óleos brutos de petróleo, gás natural e minérios de ferro.



Resultado, no entanto, está abaixo do nível recorde de 2011

“Vale destacar que a retração eliminou parte do avanço de 3,5% verificado em outubro, quando interrompeu dois meses consecutivos de queda na produção. Neste mês observa-se um

número maior de atividades no campo negativo.”

Setores

A pesquisa mostrou ainda resultados negativos nos setores de

veículos automotores, reboques e carrocerias (-1,6%), de produtos químicos (-1,2%), de produtos alimentícios (-0,5%) e de bebidas (-2,1%).

O setor de produtos farmacêuticos e químicos foi o que provocou o principal impacto na média da indústria, com alta de 9,8%. Houve influências positivas significativas também em impressão e reprodução de gravações (18,3%), produtos de minerais não metálicos (3%), produtos de metal (2,7%), máquinas e equipamentos (2,0%) e metalurgia (1,8%).

Ao apresentar queda de 0,6%, o setor produtor de bens intermediários teve o terceiro mês consecutivo de recuo na produção e no período acumulou perda de 1,8%.